

2 DENDEICULTURA NO BRASIL

Edson Barcelos*

O Brasil é o terceiro produtor de dendê do continente Americano, com cerca de 60.000 ha de área plantada, atrás da Colômbia com 120.000 ha e do Equador com 90.000 ha.

No final dos anos 70 (1979), quando da consolidação do PROALCOOL, detectou-se que o consumo nacional de óleo diesel, passava a ser o vilão da matriz energética nacional e que deveria, então, ser buscado um substituto para o diesel que, como o álcool, pudesse ter uma produção agrícola renovada.

Tecnicamente, todos os óleos vegetais podem ser utilizados como combustível, e, portanto, substitutos potenciais do diesel. Algumas características do sistema de produção ou de obtenção destes óleos é que definem seu maior ou menor potencial de utilização como combustível.

Entre estas características, destacam-se:

- disponibilidade de tecnologia de produção agrícola e industrial;
- custo de produção e viabilidade econômica de utilização;
- produtividade por unidade de área cultivada;
- condições ecológicas de cultivo, disponibilidade de área e competição com outras culturas, principalmente alimentares;
- benefícios sociais, ecológicos e econômicos do sistema de produção;
- período de resposta, estabilidade do sistema produtivo e sustentabilidade da atividade.

Das diversas oleaginosas já cultivadas no país, o dendê apresenta vantagens comparativas sobre praticamente todas as características antes descritas. Tais como:

- o cultivo em grande escala em outras regiões do globo;
- alta produtividade e baixo custo de produção;
- Amazônia como fronteira de expansão da cultura;
- comprovados benefícios sociais, aceitável ecologicamente e alta rentabilidade econômica;
- cultivo perene e sustentável;
- tempo de resposta a médio/longo prazo.

Por todos esses argumentos, a Embrapa recebeu do Ministério da Agricultura a missão de dotar o país do embasamento tecnológico necessário a assegurar a expansão da dendeicultura nacional. Foi então criado o PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS DE DENDÊ.

Naquela época o país contava com pouco mais de 11.000 ha de área plantada com dendê e produzia cerca de 20.000 toneladas de óleo/ano. A dendeicultura brasileira era 100% dependente de sementes e orientação técnica importadas, assim como todos os países produtores de dendê no continente americano.

A estratégia da Embrapa, era buscar uma parceria no exterior. Naquela época, o sudeste asiático já era a principal região produtora de dendê e a instituição de pesquisa com maior competência técnica e tradição sobre a pesquisa da espécie era então o IRHO - Instituto

* Pesquisador da Embrapa

francês de pesquisas de óleos e oleaginosas. Através de um acordo de cooperação técnica com o IRHO, a Embrapa teve acesso a mais de 40 anos de experiências com a cultura, a todo o material genético e a assessoria necessária para a formação de sua equipe técnica, para iniciar as pesquisas no Brasil.

Quinze anos depois, a área de dendê plantada na Amazônia é no mínimo dez vezes superior a área plantada em 1980. A Estação Experimental do Rio Urubu é a mais importante estação de pesquisa de dendê do continente, e a cultura, o principal e melhor exemplo de atividade agrícola bem sucedida na Amazônia, à semelhança da seringueira, cacau, pimenta, mandioca, culturas anuais, pecuária, castanha, guaraná, etc.

Apesar de todos esses fatos positivos e favoráveis à cultura do dendê, a expansão da atividade ficou muito aquém do previsível e do potencialmente possível. No Amazonas, temos pouco mais de 3.000 ha de área plantada e 2.000 ha em exploração. Foi no Pará, onde o incontestável sucesso da DENPASA, fruto de competência, seriedade e profissionalismo de seus executores, que o dendê experimentou a sua maior expansão.

Atualmente o Rio Urubu está longe de ser pólo de expansão da cultura, porém, bem mais perto que as estações de pesquisas da África ou Costa Rica, tradicionais fornecedores de sementes e tecnologias para a dendeicultura latino-americana.

Isso é um pouco da história do projeto de dendê, sua viabilidade, importância e potencial de expansão da dendeicultura na Amazônia, uma vez que sobre os problemas com a cultura, os produtores são os mais indicados para falar do assunto.

A Embrapa, ou melhor, o contribuinte brasileiro já colocou aproximadamente US\$ 7 milhões neste projeto, que poderá produzir sementes e óleo em 1996, no valor de US\$ 1 milhão. Isso, contudo, é apenas um subproduto dessa iniciativa, pois o principal é a geração de conhecimentos e tecnologias capazes de assegurar a expansão da dendeicultura na região, bem como o retorno dos recursos investidos na atividade, acrescidos dos lucros necessários ao desenvolvimento social da amazônia. Esse projeto está paralisado e a Embrapa não dispõe dos recursos necessários à sua reanimação, para a efetiva retomada das pesquisas. Talvez haja perda do material genético de dendê que está sendo pesquisado há mais de 50 anos, e do caiaué, que ainda nem se conhece.

Para a continuação dos trabalhos, nos padrões necessários para o alcance de seus objetivos, a Embrapa não pode deixar de contar com o apoio de todos os políticos do Estado do Amazonas e os da Amazônia como um todo. Todos precisam tomar conhecimento dos fatos relatados, neste evento e, a partir daí questionarem a Embrapa, cobrando, exigindo mas, sobretudo, dizendo se deve abandonar ou prosseguir com o Projeto Dendê.

Concluindo, há 15 anos, uma platéia como esta decidiu sobre o início das pesquisas com dendê e da criação de uma Estação Experimental. É bom lembrar que muitos dos aqui presentes encontravam-se lá.